

(in)Ventar a docência: brotos de autonomia

Invent teaching: seeds of autonomy

Inventar la enseñanza: semillas de autonomía

Sheila Hempkemeyer - Universidade Federal de Santa Catarina | Pesquisadora | Florianópolis | SC | Brasil | E-mail: she.hempke@gmail.com | 

Resumo: O texto é resultado de pesquisas e práticas pedagógicas no campo educacional, e sobre as potencialidades da criação e de uma pedagogia autônoma nos processos formativos. Tensionam-se no texto diálogos sobre práticas educativas e o que nos importa no exercício da docência. Através de alguns processos formativos vividos pela autora, busca-se evidenciar questões, inquietudes e incômodos ainda instáveis e em construção, ensaiados no cotidiano e esboçado em pensamento e invenções. Defende-se que a potência da criação e da errância na docência são modos de rupturas frente aos atuais avanços conservadores, atentando-se ao exercício da alteridade, da inventividade e da experimentação.

Palavras-chave: educação; práticas pedagógicas; errância.

Abstract: The text is the result of research and pedagogical practices in the educational field, and about the potentialities of creation and an autonomous pedagogy in the formative processes. The text tenses dialogues about educational practices and what matters to us in the exercise of teaching. Through some formative processes lived by the author, seek to evidence issues, concerns and still unstable, but under construction, rehearsed in daily life and outlined in thought and inventions. It is argued that the power of creation and the errancy in teaching are ways of rupture in the face of current conservative advances, paying attention to the exercise of otherness, inventiveness and experimentation.

Keywords: education; pedagogical practices; wandering.

Resumen: El texto es el resultado de investigaciones y prácticas pedagógicas en el campo educativo y sobre las potencialidades de la creación y una pedagogía autónoma en los procesos formativos. El texto tensa diálogos sobre prácticas educativas y lo que nos importa en el ejercicio de la enseñanza. A través de algunos procesos formativos vividos por el autor, buscamos resaltar problemas, inquietudes y aún inestables, pero en construcción, ensayados en la vida cotidiana y esbozados en pensamiento e inventos. Se argumenta que el poder de la creación y la equivocación en la enseñanza son formas de ruptura frente a los avances conservadores actuales, prestando atención al ejercicio de la otredad, la inventiva y la experimentación.

Palabras clave: educación; prácticas pedagógicas; errante.

- Recebido em: 28 de fevereiro de 2020
- Aprovado em: 27 de agosto de 2020
- Revisado em: 20 de setembro de 2020

Aberturas

Que formas de vida estamos permitindo existir nos espaços educativos? Como estes espaços estão existindo nas narrativas e práticas cotidianas? Quais têm sido nossas apostas em defesa da vida (bio)diversa que atravessa o campo educacional? Quais as posturas que temos assumido para expandir o pensamento e emancipá-lo? Esta é uma escrita que aflora em meio a fagulhas de cólera e alegria no universo acadêmico no decorrer do ano de 2019. Potências capazes de ativar outros modos de pensar, existir e perceber as práticas cotidianas, incluindo o cenário educativo, e que podem abrir possibilidades de escuta, de escrita e de fala como garantias de existência. Esta é também uma defesa ética da pedagogia da libertação, de Paulo Freire (2011a), e sobretudo uma tentativa de adubar nossa indignação para escapar do fatalismo que nos paralisa.

Concordando com Ribeiro (2017, p. 66), que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir”, aposta-se com este ensaio movimentar, e porque não reinventar, os modos como nos colocamos na prática docente. E a palavra é uma, dentre tantas outras, maneira de poder existir, principalmente porque ela é ato e ação, riscada no muro, no papel, no canto da folha de um livro, na mensagem enviada pelo aplicativo de conversa ou no guardanapo. São elas que nos ajudam a perseverar e a compor nossa existência.

Este treino em repensar práticas pedagógicas e outros modos de aprender tem me acompanhado desde a pesquisa no mestrado em Educação, investigando o potencial educativo da bicicleta na vida de quem a pedala¹. O interesse em investigar práticas culturais contemporâneas, articulando com o campo educacional, permanece em curso no doutorado, relacionando o modo como nos deslocamos na cidade entre viventes no espaço urbano, e o que disso tem interferido no modo como estamos aprendendo a lidar com/no mundo. Mundo este em colapso - e quando ele não esteve? - e que nos intima reiteradamente a assumir determinadas posturas e posicionamentos. A partir disso, reflito sobre outras maneiras de escapar, desobedecer, sobreviver entre os excessos, a aceleração, o espetáculo, a técnica, a mercantilização, que fazem parte de um projeto de destruição da vida. Arrisco a travessia de modo visceral, envolvendo-me afetivamente com o campo do sensível. Concordando com Skliar (2014, p. 17), “a fala, a leitura e a

¹ Dissertação defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em Educação.

escrita procedem e advém de certo tipo de desobediência da linguagem. Se a linguagem não desobedecesse e se não fosse desobedecida não haveria filosofia, nem arte, nem amor, nem silêncio, nem mundo, nem nada”. Produzir outras imagens e gestos e corpos e palavras para dar conta daquilo que ainda não se consegue nomear é um dos movimentos transgressores e intencionais no estudo. Compreendo, a partir das leituras que me acompanham neste processo de pesquisa e docência, que é possível criar em meio ao caos, reinventar a vida e nossas práticas e imaginar outros começos diante dos inúmeros fins que nos são impostos.

O fim, inclusive, é uma palavra que nos convoca início. É preciso que algo termine para que outra comece. É preciso? Podem começos atravessarem inacabamentos? Pode algo nunca acabar? A sensação é que 2019 tenha começado pelo meio, sem que tenhamos realmente fechado o ano anterior, e o anterior, e o anterior também. Um ciclo que insiste em não acabar. Um meio que ao mesmo tempo nos finda todos os dias. Nos colocando diante de inúmeros fins e (re)começos. Um ano que começa cheio e vazio. Cheio de afetos inomináveis. E por isso vazio, pela inexistência da palavra que dê conta do abismo sem fim que nos assola. Como lidar com as profundezas dos últimos tempos? Como combater a descrença e criar diante do que nos ameaça? Como permanecer fortes?

Estamos sendo atacadas, mais do que nunca, por nossas tonalidades, ancestralidades, orientação sexual, posturas éticas, estéticas, políticas, por sermos plurais. Além dos ataques externos que nos atravessam, há um enfrentamento celular ininterrupto ocorrendo em nossos corpos para garantir que a vida prevaleça. Um corpo, para se manter vivo, enfrenta suas inúmeras guerras cotidianas. Guerras moleculares, biológicas, por territórios, por direitos, por existir. Existir enquanto corpo que respira, que caminha, que segue e para. Que se comunica e ocupa espaços e tempos para permanecer vivo e forte. E luta pelo uso da palavra como instrumento de defesa e ataque e expressão de resistência e vida. Com quais palavras poderemos nos armar para restituir humanidades negadas? Quais espaços ocuparemos para a batalha que ainda nos aguarda? Qual a postura que assumiremos nos espaços ocupados?

Foi em busca de palavras e gestos e perguntas que nos lançamos em mais um semestre letivo. Por acreditar, e mais do que isso, defender, que é pela expressão daquilo que se pensa e sente que poderemos, minimamente, permanecer fortes, “é resistência viver (através) de arte, palavras, ritmos” (DUARTE, 2016, p. 64), (re)construir refúgios para que possam(os) nos acolher no plural comum, e através disso palavrarear aquilo que ainda inexistente. Ou, simplesmente,

reinventar palavras e práticas cotidianas como um ato estético-político no exercício de uma pedagogia autônoma, de enfrentamento sensível. Considero que palavra é um presente conquistado, que pode ser dado todos os dias com ternura e ética e respeito, ao seres que aqui habitam. Com ela arriscamos modos outros de viver os espaços comuns, desvinculando-se de horizontes salvacionista e/ou fatalistas. Um exercício da liberdade.

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas. [...] Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos vinte e cinco anos. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (FREIRE, 2011a, p. 105).

Começávamos todas as aulas fazendo balbúrdia, bagunçando as cadeiras, os lugares, as verdades e certezas, a ordem e a formação em ciências. A estética do espaço é fundamental para a formação subjetiva, pois interfere diretamente na mobilidade e dinâmica dos corpos e da vida. A sala de aula é compreendida como a terra, que precisa de cuidado e trato para que sementes germinem. Nossos brotos e germens foram as palavras e gestos e histórias que compartilhávamos com zelo e respeito. Bagunçávamos também as ideias que tínhamos sobre o que vem a ser professor(a) e como habitar a sala de aula. Entre um silêncio e outro, a dúvida se fazia hospedeira diante dos diversos temas que trazíamos para a rede discursiva. Uma constelação de assuntos possíveis para serem abordados pelo estudo das ciências. Estas aberturas foram posteriormente expressas nos brilhantes projetos artísticos dos fanzines, sobre aquilo que a biologia pode contribuir para garantir existências mínimas e a transformação social.

Precisamos de três estações intensas para o exercício desta proposta. Um verão cada vez mais escaldante, um outono aquarelado e um sopro de inverno capaz de congelar uma ideia única sobre a docência, seja ela qualquer. Convocamos outros elementos e autorias na tentativa de diluir o amargor que muitas vezes acompanha o ser professor(a), e saborizar o doce-ente. Não se trata em desmerecer os descasos, contingenciamentos e descontentamentos que a categoria enfrenta cotidianamente. Mas de engrandecer ainda mais o ser que se forma ao formar, que pode permitir o trânsito autônomo e libertador das palavras e histórias que se entrelaçam nos espaços e tempos educativos.

O reordenamento do espaço e o chamado para ocupar um lugar de criação tem como principal objetivo despertar o sujeito artista que pode acompanhar a docência. Desde as primeiras

palavras até as últimas imagens e sons, os movimentos deslocaram aquilo que insistia em se solidificar. Descongelava a rigidez da figura docente, decompondo os lugares de conforto e ruindo as convicções que habitam.

Sementes inventivas

O que pode uma palavra? Que aberturas (e fechamentos) são possíveis? O que pode a palavra verbo, para além de sua conjugação? Que palavras (e) verbos nos são ensinados para pensar uma aula? Quais nos são autorizadas na elaboração de nossos planos? Como operar com palavras (e) verbos incomuns e rasurar outras peles ao corpo docente?

Palavras e verbos trazem consigo uma intencionalidade e, acompanhados de gestos, incorporados, tornam-se potências insurgentes avassaladoras. Juntos promovem a ação concreta de uma ideia. Ao mesmo tempo são mecanismos de manutenção do poder e, conseqüentemente, demarcam territórios. A escolha de uma e de outro, para construir uma aula ou uma prática pedagógica, podem definir a postura e as encruzilhadas que se quer percorrer. Pensando nisso, nos dias dedicados a Mercúrio e Júpiter no calendário astrológico, nos arriscamos experimentar palavras e verbos distantes da tradicional órbita docente. Que talvez só emergem no campo literário, e/ou quando a intenção é justamente essa. Fazê-los existir enquanto intenção docente cotidiana, nas diversas áreas, é talvez uma ruptura com padrões historicamente consolidados no universo da educação formal. Arriscar-se no descontrole daquilo que se pretende e mergulhar nos inacabamentos existenciais, é compreender que educar é incitar outras leituras do mundo e suas criações, e que “ensinar é um ato criador” (FREIRE, 2011b, p. 113). Compreender, ainda, que processos educativos são feitos de água, que sempre encontra (ou cria) um leito para desaguar. Aguar-se na docência.

As aulas de “*Metodologia do Ensino de Ciências e Biologia*”, ministradas pelo professor Leandro Guimarães e acompanhadas por mim no estágio docente, tinham talvez um único objetivo: o exercício da liberdade. Este esforço foi crucial para escapar dos estereótipos do mundo e transgredir pela poética da inventividade, abrindo o campo do sensível, tensionando a escola e práticas pedagógicas comuns, evidenciando conflitos e provocando variações. O conflito inclusive é entendido aqui como um elemento fundamental na garantia da pluralidade, onde a escola e a academia são territórios de tensões, mas também de criação, de espaços e tempos inventivos e de promoção de autonomia e autorias. Podem ser também um campo de forças de

recriação de modos de existir para todos os seres que lá transitam, onde se defenda, conforme a proposição trazida por Ribeiro (2017), o debate plural de diferentes perspectivas permitindo que outras histórias e vidas, historicamente invisibilizadas, se façam presentes. Esta é sobretudo a defesa da vida de Paulo Freire, quando não quantifica os saberes nem estabelece hierarquias entre eles, garantindo a circulação de outras histórias e modos de narrar o mundo, principalmente na construção do conhecimento. Acolher e encorajar o trânsito de relatos de experiências, em espaços educativos, é promover a autoria e defender que as individualidades sejam respeitadas para o fortalecimento da coletividade. É confrontar construções teóricas repletas de brechas e edificadas em ruínas, pois “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (ADICHIE, 2019, p. 26). O trânsito de diversos saberes é por si só a defesa da vida em sua multiplicidade de existências, borrando fronteiras e perseverando outros modos de pensar e de construir conhecimento.

O testemunho pessoal pode ser considerado um fertilizante para pensarmos a práxis e a própria teoria, tanto no processo educativo quanto na pesquisa, que sustentam a existência e a formação epistêmica. Concordando com Hooks (2017, p. 114), o “ato de ouvir coletivamente uns aos outros afirma o valor e a unicidade de cada voz. [...] Ajuda a criar uma consciência comunitária da diversidade das nossas experiências, não negada nem considerada sem significado”. Essa ideia reforça o alerta da ausência da neutralidade no campo da existência humana, em especial na construção teórica do conhecimento. Acreditando que a teoria desponta de uma prática e a prática faz germinar a teoria, faz parte de um projeto político pedagógico tramar possíveis rupturas que possam desestabilizar as hierarquias opressoras que prejudicam a transformação da nossa realidade, e que insistem em silenciar e apagar determinadas existências. Perceber que aquilo que propusermos a circular em nossas aulas, ou encontros formativos, faz parte da criação de um projeto de sociedade, onde o conteúdo teórico faz parte de “uma prática necessária dentro de uma estrutura holística de ativismo libertador” (HOOKS, 2017, p. 96). Neste entendimento, a pedagogia crítica da libertação criada por Paulo Freire e reelaborada por Hooks (2017, p. 120) “abraça a experiência, as confissões e os testemunhos como modos de conhecimento válidos, como dimensões importantes e vitais de qualquer processo de aprendizagem”.

No exercício da docência é preciso garantir o diálogo e o compartilhamento de saberes e fazeres e pensares e tempos e.... Onde a quinta letra do alfabeto possa operar nas reticências que

alargam cada aula, na tentativa de desestabilizar verdades e (des)construir coletivamente processos moventes de ensinagens e aprenderes. Sobretudo garantir o direito de poder existir.

Possivelmente, um dos saberes fundamentais mais requeridos para o exercício de um tal testemunho é o que se expressa na certeza de que mudar é difícil, mas é possível. É o que nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer (FREIRE, 2014, p. 63).

O processo formativo é gradual e constante e está acontecendo entre trocas viventes, nos mais variados ambientes: na escola, nas praças, ruas, museus, saraus, *slams*. A processualidade tem uma dimensão afetiva e estética e este movimento cria aberturas possíveis para esse exercício experimental da docência. Pensando assim estaríamos imersos em um desequilíbrio permanente, e por isso que uma prática educativa onde circule afetos é tão assombrada. No esforço e na insistência de se pensar as emoções emergindo na prática docente, me questiono: Como incluí-las nas práticas pedagógicas? Pensamos as aulas para emocionar? Como fazer uma aula para gerar espanto, provocar incomuns, criar vínculos? Qual ideia e sensação se deseja circular na cena educativa? Como fazer da sala de aula (ou qualquer outro espaço educativo) um espaço comunitário?

Há uma base legalista e um desejo latente das máquinas de poder capitalístico em instrumentalizar a educação formal e agentes que fazem parte deste universo. Com manuais e técnicas apostiladas, padronizam modos de ensinar e acessar determinados conteúdos. Na tentativa de escapar da instrumentalização do ensino, em especial da Biologia, a proposta em todas as aulas era de acionar outras palavras e verbos que pudessem deslocar o pensamento e a docência. Palavras (re)ativas que nos ajudassem a criar modos de *permaneSer* fortes (DEVORAÇÃO..., 2016) na contemporaneidade. Verbos que, num infinitivo atemporal, iam sendo conjugados nos movimentos errantes que provocavam os corpos e pensamentos. Operar na lógica da errância é pensar e agir sobre aquilo que nos escapa, que se perde e nos perde. Isso quer dizer que nada está pronto e fechado, estático e concluído. Mas que os fluxos de aprendizagens vitais são aberturas oceânicas e encantamentos em picos vulcânicos. É necessário perceber as potências mínimas existentes nas miudezas cotidianas, no movimento micro, no lampejo luminescente de uma ideia. Perfurando estereótipos e proliferando outros modos de atuar com as palavras, os objetos, os artefatos culturais, as imagens principalmente, fazem parte de um esforço atuante na (de)composição gradativa da matéria.

Carregada de sentidos às palavras jogadas no mundo (com responsabilidade e ética) podem criar fissuras quando proferidas, sobretudo, durante as aulas. Rolnik (2018, p. 26) emociona ao dizer que “embriões de palavras emergem da fecundação do ar do tempo em nossos corpos em sua condição de viventes e que, nesse caso, e só nele, as palavras têm alma, a alma dos mundos atuais ou em gérmen que nos habitam nesta nossa condição”. Elas também servem como “lampejo para fazer livremente aparecem [outras] palavras quando [elas mesmas] parecem prisioneiras de uma situação sem saída” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 130). Pensando nisso algumas palavras e verbos foram catalogadas com um único objetivo: compor outras formas de (in)ventar a docência, costurando outros diálogos e tensionando práticas pedagógicas hegemônicas. Estas palavras e verbos ajudaram a tecer este ensaio, e estão em cada frase proliferando a escrita e o pensamento, na tentativa de possibilitar a criação de brotos de autonomia. Renomear o mundo é também deslocar o pensamento. Não é mera busca por sinônimos que possam dizer mais do mesmo, mas fazer de outro modo aquilo que se aprende, “imaginar outro mundo possível, é no sentido de reordenamento das relações e dos espaços, de novos entendimentos de como podemos nos relacionar” (KRENAK, 2019, p. 67). Menosprezar a criação e a palavra é negligenciar a vida, pois é através da linguagem que nos fazemos mundo. A palavra é o corpo que compõe o sistema mundo.

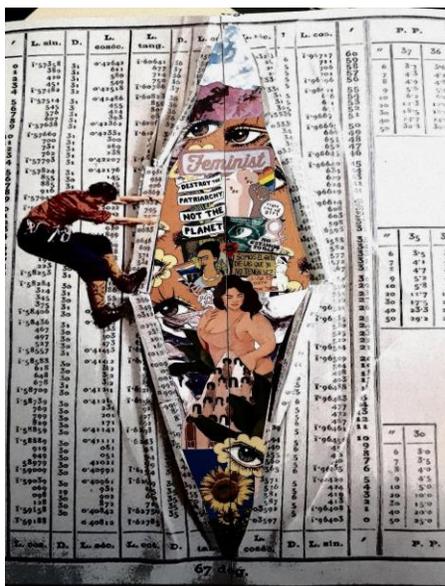
De acordo com Skliar (2014, p. 189), “Educar é comover. Educar é doar. Educar é sentir e pensar, não apenas a própria identidade, mas também outras formas possíveis de viver e conviver”. Portanto, ser docente é ser movente, em processo de movência, (pro)movendo outros pensamentos e práticas e experimentações de palavras e gestos e modos de existir. Nos exige uma curadoria, cabendo a esta experiência apresentar outros modos de produção de conhecimento, pensamentos e mundos. Reconhecendo que a fragilidade nos acompanha, entendendo-a não como algo negativo, mas de expressão afetiva. Ser docente é poder ser artista, se permitir a criar e experimentar no corpo e com o corpo, entendendo, inclusive, que ele é nossa arma existencial, como salienta o professor Leandro Guimarães. A docência, defendida a cada encontro, não é um fazer tecnicista, mas está no campo da experimentação, “e é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras” (HOOKS, 2017, p. 21) no processo de ensinagem e aprendizagem.

Frutos que brotaram

A cada encontro-aula incorporávamos a desconstrução daquilo que tantas vezes nos foi instrumental e ilustrativo. Diálogos e questões que nos levavam a abandonar bagagens e suspender os estereótipos que nos habitam. Perceber que muitas vezes aquilo que repudiamos também faz parte da nossa existência, e que sutilmente reproduzimos. Intervalar o aprendizado, intercambiar os processos de experimentação. Produzir silêncios necessários para se dizer algo, ou deixar ser devorada por ele. Dar tempo a quem escuta, entendendo que “sementes necessitam de silêncio” (MUNDURUKU, 2017, p. 38). Sentir. Quebrar. Escapar. Bordar saberes com as histórias dos caminhos e as emoções que nos acompanham no (per)curso. Qual o espaço dado para a escuta na sala de aula? Como esta nos habita?

As palavras se faziam corpo nos gestos e timbres e nas trocas com frescor e leveza que partilhávamos. Ganharam ainda mais força nas produções materiais imagéticas dos fanzines, nas práticas pedagógicas com o cinema, comunicando-se através de outra estética criativa. Acionar outras unidades linguísticas, outras referências para compor uma aula, um texto, é sobretudo uma defesa política de desierarquizar saberes, considerando que o que importa é justamente o que aquela troca contribuiu para a construção do nosso pensamento e da práxis. Como aquilo que acontece na sala de aula pode afetar minha vivência fora dali?

Figura 1 - Capa de um fanzine



Fonte: Foto da autora.

A imagem foi acionada para sufocar o comodismo e assustar a inércia onde nos colocamos por diversas vezes, um esforço para organizar nosso pessimismo e escapar do fatalismo catastrófico (DIDI-HUBERMAN, 2011). A imagem permeia a vida contemporânea e portanto pode estar próxima de práticas pedagógicas nas diversas áreas do conhecimento. Pode impactar para além da mera ilustração. Desacomodar e/ou incomodar. E criar tensionamentos oportunos para o combate instrumental, “fazer surgirem os momentos inestimáveis que sobrevivem, que resistem a tal organização de valores, fazendo-a explodir em momentos de surpresa” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 126). Que materiais pedagógicos utilizamos para planejar nossas aulas? Como eles habitam a sala de aula? Como uma imagem e o cinema operam em uma aula?

Convocamos outras palavras, mobilizamos outros modos de manejo da imagem, inclusive àquela em movimento: o cinema. Foi reservado um momento especial durante as aulas para que ele estivesse operando como uma referência significativa, e ganhasse o mesmo valor destinado aos livros e aos artigos que são produzidos na academia. O cinema não é só um passatempo ou entretenimento, mas um dispositivo potente que pode ativar, alcançar e reunir aquilo que a palavra ainda não conseguiu nomear. Ele é por si a criação, e nos incita o poder germinativo da imagem.

Na prática pedagógica com o cinema havia uma regra a ser respeitada, talvez a única rigidez inegociável durante todo este processo. As regras aqui são compreendidas como um movimento importante para disparar criações, defende o professor regente. Elas não só delimitam o poder de ação, mas podem alargar outras criações, acionando processos inventivos. Com a intenção de escapar de aprisionamentos, a regra era: deslocar o pensamento e não utilizá-lo (o filme) como peça informativa e/ou explicativa. Era necessário desenhar outras conversas com as películas escolhidas para devorar. Articular outras dinâmicas possíveis com a imagem, trazê-las para a escola (e academia) como arte, e fazer com ela uma leitura criativa das passagens. Não era preciso explicar quase nada, mas dar pistas de uma possível errância imagética.

Cenas e corpos e vidas marginais orbitavam nas aulas, fornecendo elementos para (des)organizar a produção do conhecimento. Fortalecendo ainda mais as dúvidas e confrontando as certezas que nos habitam. Uma das táticas de combate foi o mergulho, ainda que superficial, em temas que escapam a formação acadêmica. Feminismos plurais. Povos originários e Indígenas. Ecologias outras. Infâncias. Há que se importar com o universo das crianças, sobre o

modo como elas nos apresentam o mundo. Incentivar a imaginação, de crianças e jovens, como uma tática transgressora de desobediência. Como algo que pode ser ensinada com práticas pedagógicas libertárias. Deixando talvez o recreio habitar a sala de aula. Intervalar a docência. O corpo infantil nos ensina sobre fugir da disciplinarização e docilização que insistimos em reproduzir em espaços formais de aprendizagem.

(in)Acabamentos

Acessar e ativar outros modos de pensamento, sobre a vida e o mundo, confrontam modos hegemônicos de produção de conhecimento. Além disso, como salienta a educadora Hooks (2017), nos lança a projetar futuros possíveis, criar ambientes e tempos para que a insurreição possa ser ensaiada. Um treino insurgente que pode acontecer nos movimentos mais simples do cotidiano, um exercício banal e revolucionário. Dedicar presença, tempo e uma breve escuta sobre a pauta indígena, através do filme “*Para onde foram as andorinhas?*” (2016), nos fez perceber que há nesta ancestralidade brasileira (que é nossa) uma força insurgente para se contrapor a lógica capitalística, para permanecer fortes (DEVORAÇÃO..., 2016). E como pontua Krenak (2019, p. 30) devemos resistir expandindo a subjetividade, “pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos”.

Mapear estes outros modos de organização social, outras palavras e verbos, é um exercício de criação. Confrontar a gramática e a sintaxe da docência, é um treino de libertação. Deschavear a palavra e dar-lhe asas. Assumir o risco de descontrole dos fluxos dos ventos, pois (in)ventar a docência é uma experiência mágica de suspensão, ensaio e experimentação. O abismo segue inominável, porém menos assustador, já que nossa arma mais poderosa, a palavra, foi temporariamente reformulada.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

DEVORAÇÃO: como permanecer fortes? Nigéria 202B. Fortaleza: Cia de Arte Andanças, 2016. 1 vídeo (20 min). Disponível em: <https://vimeo.com/187230302>. Acesso em: 23 maio 2019.

DUARTE, Mel. **Negra nua crua**. 2. ed. São Paulo: Ijumaa, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017.

PARA onde foram as andorinhas? Direção de Mari Corrêa. Roteiro de Paulo Junqueira. São Paulo: Instituto Catitu e Instituto Socioambiental, 2016. 1 vídeo (22 min). Disponível em: <https://vimeo.com/179228552>. Acesso em: 27 maio 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.